



OBA

A117886

Cobilândia reivindica obras de infra-estrutura

O bairro nasceu de um projeto de urbanização, há 42 anos, mas a proposta até o momento não foi colocada em prática. A Grande Cobilândia tem graves problemas de infra-estrutura. A maioria das ruas não sofreu qualquer melhoria, e apesar dos moradores reivindicarem parte da aplicação da verba da Prefeitura Municipal de Vila Velha em saneamento básico, tendo tido o pleito várias vezes inserido nos orçamentos, o poder público não atendeu à população local. A área de saúde é um grande problema no bairro. O posto local não consegue atender a toda a demanda,

e as pessoas precisam levantar de madrugada para tentar brigar por uma vaga.

O Hospital da Mulher deixou o objetivo inicial e, segundo os moradores, a unidade só faz atendimento ambulatorial.

Na área de internação são poucos os pacientes e todos os setores do hospital estão praticamente ociosos. Andar de ônibus a partir do bairro é quase impossível. Os moradores já cansaram de solicitar uma linha própria para Cobilândia, sem sucesso. A única solução é andar de "carona" nos ônibus do Transcol (cor laranja) que já passam na região totalmente lotados.



Foto de Nestor Muller

Cobilândia ganhou uma praça, mas os moradores alegam que a prioridade era o saneamento básico da região

Hospital gera reclamações

O secretário municipal da Saúde, Ronaldo Ornellas, declarou ontem que o Hospital da Mulher está praticamente parado porque seus objetivos foram desvirtuados na antiga administração. Ele informou que no lugar de realizar cirurgias corretivas, os médicos da unidade estavam realizando cirurgias plásticas, sendo que 80% dos pacientes eram de outros bairros e municípios e pertencentes à classe média ou alta.

O hospital hoje é objeto de uma Comissão Especial de Inquérito na Câmara Municipal, e na Secretaria de Saúde está sendo estudada a melhor forma de reabri-lo ao público. Ornellas argumentou que "o hospital geral, que a população tanto deseja", não deverá ser criado em função dos altos custos da manutenção.

Uma das possibilidades é de que o hospital da Mulher seja transformado numa maternidade, com 12 a 15 leitos.

Posto de saúde é insuficiente

Maria Dolores, que reside na Rua Monteiro Lobato, em Cobilândia, tem 10 filhos. Na última quinta-feira ela se levantou às 3 horas da madrugada para tentar uma ficha de atendimento médico, no posto de saúde de Cobilândia. Esta é uma rotina neste setor, como denunciam os moradores. O posto não consegue atender à demanda e as pessoas afirmam que poucas fichas são distribuídas diariamente, sem que se expliquem os motivos. Para piorar a situação, o Hospital da Mulher não está fazendo cirurgias eletivas, mesmo com todos os equipamentos funcionando.

A integrante do Movimento das Mulheres de Vila Velha, e que reside em Cobilândia, Alaíde de Oliveira Santos, informou que o hospital fugiu ao seu objetivo inicial. "No princípio estava atendendo aos problemas das mulheres, depois, no ano passado, começou a realizar ligaduras em massa, além de fazer cirurgias plásticas", disse.

Moradores recordam o 'paraíso perdido'

Ainda menino, o servidor público Leopoldo Nascimento, 59 anos, acompanhava o pai em suas viagens de Caçaroca a Vitória, descendo de barco pelo rio Marinho, que na época tinha águas límpidas e muito peixe. Numa das margens do riacho, o visual era de um pântano povoado de aves, conhecido como Ilha das Pedras, que mais tarde transformou-se no bairro Cobilândia, em Vila Velha. Uma planta nativa da região — o Cobi — foi que deu o nome à região.

Moradores do bairro, como Marcelina Maria de Jesus, 75 anos, Darly Pereira da Silva, 69, João Batista Dergo, 72, e Angela Maria Hoffmann, 45, também viram surgir Cobilândia. "Lá em cima morava a família Laranja, e havia duas casas", conta Darly Pereira, referindo-se ao atual bairro Rio Marinho. Lá o coronel José Antônio Gonçalves Laranja tinha o domínio das terras que depois se transformaram em



Dona Marcelina: mosquitos

ciais, esportivas, colégios e igrejas. "Seu Benício era o dono do pantanal. Quando começou o loteamento, as pessoas faziam casas de tábuas e ele dava as te-

je existe o bairro Jardim Mari-lândia, anexo a Cobilândia, as terras pertenciam a Francisco Laranja. O Vale Encantado era terreno de Luiz Carlos Laranja. Tudo foi sendo povoado a partir do crescimento de Cobilândia.

O ex-funcionário da CVRD João Batista Dergo mudou-se para Cobilândia com os filhos ainda pequenos, há 35 anos. As dificuldades, segundo ele, eram muitas. A dona-de-casa Marcelina Maria de Jesus diz que o grande infortúnio eram os mosquitos. "Era tudo alagado, dava muito mosquito. Quando chovia entrava água dentro de casa", conta ela.

Angela Maria Hoffmann se mudou para Cobilândia aos 13 anos. Uma de suas lembranças são os imensos pés de jamelão, que acabaram sendo cortados. No local foi construída a praça Sebastião Cibien, a principal do bairro. Com o crescimento de Cobilândia, foi necessária uma

Uma lei regulamentada em 1988 em Vila Velha, na gestão anterior do prefeito Vasco Alves, garantiu a participação da população na elaboração do orçamento. A população de Cobilândia não ficou de fora, e desde esta época vem reivindicando soluções para o maior problema do bairro: a falta de saneamento básico. Vários valões cortam as ruas de Cobilândia, trazendo o transtorno para a população, pois as valas não têm qualquer tipo de limpeza, e consequentemente inundam e servem de proliferação de mosquitos.

As ruas sem pavimentação, praticamente 80%, também são um grande problema para a população. Em 1992, segundo a moradora Silvine Vicente Emerli, residente em Cobilândia, foi priorizado no orçamento o projeto de saneamento básico para as principais ruas e avenidas da Grande Cobilândia. Os trabalhos foram iniciados mas a Prefeitura de Vila Velha interrompeu a obra sem dar qualquer satisfação à população. A verba destinada para o saneamento, segundo os moradores, foi desviada para a construção de praças.

mandado equipes de limpeza para Cobilândia no último sábado, dia em que a reportagem esteve no local, os moradores não precisaram fazer nenhum esforço para mostrar a situação de abandono na área urbana do bairro. Além das péssimas condições das vias, o mato cresce em volta dos terrenos, proliferando ratos, baratas e moscas. Em Rio Marinho "a situação é de calamidade", de acordo com o morador Argel Rodrigues. Ele informou que principalmente os lotes de propriedade de particulares são os que vêm causando transtornos à população, pois eles servem até de esconderijo para marginais.

Em toda a Grande Cobilândia quem limpa os terrenos são os próprios moradores. Em Rio Marinho também são os moradores que pagam para que os terrenos sejam limpos, como contaram os moradores Cezário Mazega e Amílca Cândido de Souza. "A família Laranja tem diversos terrenos no local, mas não se preocupa em manter a área limpa", garantiram, lembrando que a Prefeitura não toma qualquer providência para reverter esta situação.

teamento básico para as principais ruas e avenidas da Grande Cobilândia. Os trabalhos foram iniciados mas a Prefeitura de Vila Velha interrompeu a obra sem dar qualquer satisfação à população. A verba destinada para o saneamento, segundo os moradores, foi desviada para a construção de praças. “Nós queríamos área de lazer, mas não era prioridade”, garantiu Emerli.

A rua em que ela reside era denominada Oitava Avenida, e consta na Prefeitura que “ela está urbanizada e foi mudada de nome: é agora Avenida Jacinta Miral”, completou. Existem várias ruas que constam na PMVV como pavimentadas, mas na realidade nunca sofreram qualquer melhoria.

Rio Marinho

Apesar da Prefeitura haver

viram surgir Cobilândia. “Lá em cima morava a família Laranja, e havia duas casas”, conta Darly Pereira, referindo-se ao atual bairro Rio Marinho. Lá o coronel José Antônio Gonçalves Laranja tinha o domínio das terras que depois se transformaram em Cobilândia, Jardim Marilândia, Vale Encantado e fazenda Marinho.

Seu Leopoldo conta que, numa partilha de bens, o comerciante Benício Gonçalves, dono da loja Normalista, na Avenida República, em Vitória, recebeu como herança o local chamado Ilha das Pedras. Em 1951, apresentou à Prefeitura um projeto de urbanização do bairro, que constava de 59 ruas, 11 avenidas, além de praças intercaladas, que foram reservadas para obras so-

ciais, esportivas, colégios e igrejas. “Seu Benício era o dono do pantanal. Quando começou o loteamento, as pessoas faziam casas de tábuas e ele dava as telhas”, conta Leopoldo.

O aposentado Darly Pereira lembra que foi seu Benício que doou as áreas para a Escola de 1º e 2º Graus Ormanda Gonçalves, a área do Sesi e da Delegacia de Polícia, entre outros. “As casas começaram a ser construídas primeiro onde é a Pepsi-Cola, o bar Cobilândia. Depois foi-se expandindo para dentro”, conta o aposentado Darly. Moravam no local trabalhadores autônomos, funcionários públicos e policiais militares, entre outros. Onde ho-

Dona Marcelina: mosquitos

de mudou para Cobilândia aos 13 anos. Uma de suas lembranças são os imensos pés de jamelão, que acabaram sendo cortados. No local foi construída a praça Sebastião Cibien, a principal do bairro. Com o crescimento de Cobilândia, foi necessária uma linha de ônibus para atender aos moradores. O ônibus do Santiago e a Viação Pernambuco conduziam as pessoas ao centro de Vitória. O ônibus fazia ponto final onde é hoje a praça Sebastião Cibien. Com o passar dos anos, os moradores contam que o bairro foi mudando suas características iniciais, recebendo aterros. Casas de alvenaria foram substituindo os barracos, hoje raros. O rio Marinho, que margeia o bairro, não é mais o mesmo. Mais parece um valão de esgoto.

Segundo Alaíde, a situação do hospital é precária, pois faltam médicos e funcionários, que só realizam atendimento ambulatorial. “Não se faz mais cirurgias eletivas ou de urgência, os leitos estão dentro da unidade apenas enfeitando o local. O pronto-socorro não tem material e as verbas destinadas para este hospital estão sendo desviadas”, afirmou Alaíde de Oliveira. A população de Cobilândia reivindica a volta do funcionamento do Hospital da Mulher com os objetivos que inicialmente foram propostos.

Segundo Alaíde, a situação do hospital é precária, pois faltam médicos e funcionários, que só realizam atendimento ambulatorial. “Não se faz mais cirurgias eletivas ou de urgência, os leitos estão dentro da unidade apenas enfeitando o local. O pronto-socorro não tem material e as verbas destinadas para este hospital estão sendo desviadas”, afirmou Alaíde de Oliveira. A população de Cobilândia reivindica a volta do funcionamento do Hospital da Mulher com os objetivos que inicialmente foram propostos.

Usuários pedem linha de ônibus

Cobilândia não tem uma linha de ônibus própria para o bairro. Segundo os moradores eles só contam com várias “carroças” (ônibus velhos) e “refugos” de linhas de outros bairros que passam pela região. Assim eles consideram o sistema de transporte que circula pelo bairro. Afirmam que, por serem apenas “caroneiros”, são obrigados a enfrentar veículos lotados, sujos e muitas vezes tendo que esperar nos pontos de ônibus até uma hora, conforme o horário.

O morador Florentino Peterli disse que somente Rio Marinho tem uma linha própria, mas os moradores são obrigados a esperar de 30 a 60 minutos nos pontos de ônibus. Os coletivos fazem parte do sistema Transcol e os que circulam pela Grande Cobilândia fazem parte da empresa Santa Zita “e estão em péssimas condições de conservação”, garantem os usuários.

Outro morador, Demostênes Soares, enfatizou que a população já reivindicou junto à Ceturb uma linha para Cobilândia, mas como as demais linhas de outros bairros circulam pela região, esta reivindicação nunca foi atendida. “Pagamos uma passagem cara e somos totalmente mal-assistidos nesta área de transporte”, garantiu. Ele destacou que a população de Cobilândia já chegou “no limite da paciência”, sublinhou, solicitando mais uma vez providências por parte da Ceturb.

A superlotação nos coletivos é a maior reclamação dos moradores da Grande Cobilândia. Segundo o aposentado Mário Fernandes Souza, os veículos sequer são limpos. “Nós parecemos porcos quando somos obrigados a circular nesses veículos. Nós pagamos e queremos ter o direito de ter uma linha específica para o bairro, que tem demanda para isto”, ressaltou.



População: 5.577 habitantes

Área: 138,80 hectares

O bairro tem colégios, igrejas, açougues, supermercado, padarias, farmácias, praças, delegacia, o Hospital da Mulher, centro social e armarinhos.

Fonte: PMVV

■ A Nona Avenida, que tem vários projetos para a instalação de pontes e iluminação, vem servindo de abrigo para marginais e é ponto de “desova de cadáveres”. A via dá acesso para vários trabalhadores, que são obrigados a transitar por ela em meio à escuridão. **Marco Aurélio de Oliveira.**

■ “Há falta de segurança no bairro e apesar do DPM de Cobilândia os policiais não têm sequer uma viatura. Eu já fui as-

saltada por três vezes, na rua da Igreja. Os ladrões não respeitaram nem a minha idade, 68 anos”. **Amélia Caetano.**

■ “Os moradores da Grande Cobilândia também sofrem com a poluição oriunda da Cofavi. A poluição, quando o vento muda, vem toda para Cobilândia, causando danos à saúde da população, principalmente das crianças que vêm apresentando há anos problemas respiratórios”. **Zilma Paiva.**

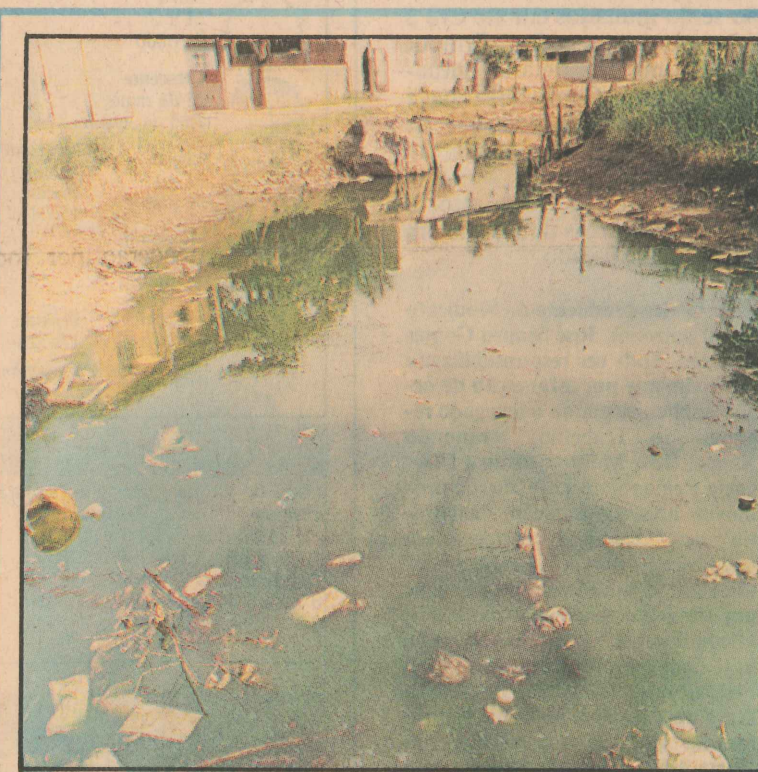
Proseg deverá atender região

Os bairros Vale Encantado e Rio Marinho começam a receber obras de saneamento no final do próximo mês. Posteriormente as obras se estenderão por toda a Grande Cobilândia, num projeto orçado em Cr\$ 337,6 bilhões. “As ruas da região só serão calçadas e asfaltadas após as obras de saneamento”, disse ontem o secretário de Obras da Prefeitura, Sérgio Ceotto.

Segundo o secretário, a Grande Cobilândia está incluída no Programa de Saneamento Emergencial do Ministério do Bem-Estar Social (Proseg) que será realizado por etapas. A primeira etapa, orçada em US\$ 1,5 milhão (Cr\$ 63,7 bilhões), será para os bairros Vale Encantado, que será completamente saneado, e Rio Marinho. Esta parte da obra já está licitada e deve começar em junho.

Hoje o secretário Sérgio Ceotto viaja para Brasília. Vai tentar liberar os recursos no Ministério do Bem-Estar Social. Ele disse que os recursos não foram liberados quando o ministro Jutahy Guimarães esteve no Espírito Santo porque faltava a prestação de contas dos recursos destinados a obras na região de Terra Vermelha. “Já temos esta prestação de contas e vamos buscar a liberação dos recursos”, disse Ceotto.

O secretário garante que não resolve o problema colocar calçamento ou asfalto sem infraestrutura ou sobre manilhas podres. “Faremos isso quando as ruas estiverem saneadas com drenagem e esgotamento para que o trabalho fique perfeito”, concluiu o secretário.



A Prefeitura não limpa os valões, um dos problemas do bairro

Lixo não tem coleta regular

A coleta de lixo em Cobilândia, como em outros bairros de Vila Velha, só deverá ser regularizada no início de junho. O secretário de Serviços Urbanos, Daltaci Ferreira dos Santos, informou que hoje a Prefeitura realiza a concorrência para a compra de cinco prensas-coletoras que só deverão operar dentro de 15 dias.

Diante dos problemas de maquinário da Prefeitura, só um carro coletor está percorrendo hoje a região da Grande Cobilândia, onde o secretário admite que a coleta de

lixo é irregular. Como solução emergencial, a Prefeitura realizou na quinta, na sexta-feira e no sábado últimos, um mutirão em todo o município, colocando na rua 600 funcionários.

Segundo Daltaci Ferreira, não foi intenção da Prefeitura mascarar a situação do bairro de Cobilândia, onde os serviços foram programados para sexta-feira e sábado. Ele explicou que no sábado, por exemplo, 17 bairros foram limpos através do mutirão, Alecrim, Alvorada, Planalto, Santa Rita e Barra do Jucu.